

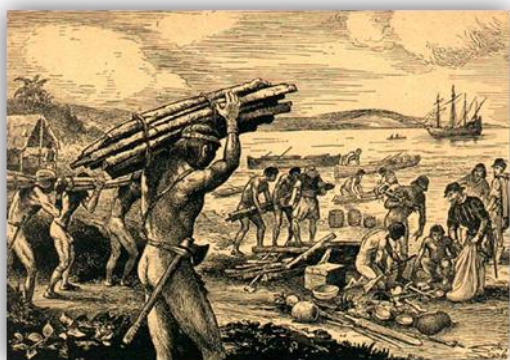
A História da escravidão africana na América é um abismo de degradação que se não pode sondar.

Joaquim Nabuco

Querido aluno, estamos iniciando mais uma Olimpíada e esperamos continuar compartilhando um pouco do conhecimento histórico a respeito do município de Itaboraí. Nesse sentido, um tema de extrema relevância é o da escravidão, uma vez que essa prática fora o sustentáculo da produção econômica colonial no Brasil e, no nosso caso de interesse, também no Vale do Macacu, região abrangente da atual Itaboraí.



<http://historiapicaxambu.blogspot.com.br/2013/03/pluralidade-na-organizacao-indigena-no.html>



<http://www.nordestebrasileiro.com.br/pau-brasil-a-primeiras-atividades/>

Em princípio, as formas de trabalho no Brasil se deram sem a presença do escravo africano. Por aqui já viviam, há muito tempo, povos nativos de inúmeras culturas, muitas vezes rivais, que foram genérica e simploriamente chamados de indígenas. Moravam aqui cerca de dois milhões de pessoas¹ as quais, ao longo dos anos, grande parte foi dizimada por doenças, pela exploração e violência.

No chamado período pré-colonial (1500-1530), os portugueses conquistadores e os povos nativos que viviam na costa brasileira estabeleceram contatos. Não tendo os colonizadores encontrado logo os cobiçados metais preciosos - ouro, sobretudo, lançaram seus olhares ambiciosos sobre a árvore de cuja madeira era extraída uma tinta rubra apreciada para a coloração de tecidos de luxo, que foi chamada de pau-brasil. Dessa maneira, os portugueses incentivaram o trabalho indígena de extração do pau-brasil por meio de trocas (escambo) – por exemplo, certa quantidade de madeira por um machado de ferro, pente etc. No início os povos nativos acharam interessante tais trocas, mas depois não. Vamos saber os motivos?

Após 1530, começou a se efetivar a colonização do território pelos portugueses – ou faziam isso ou perderiam o que, mais tarde, seria chamado Brasil para os concorrentes europeus.

Sendo assim, dividiram a imensa terra em Capitânicas e incentivaram a construção de engenhos para a produção de açúcar, localizados nas *plantations* (grandes fazendas monocultoras).

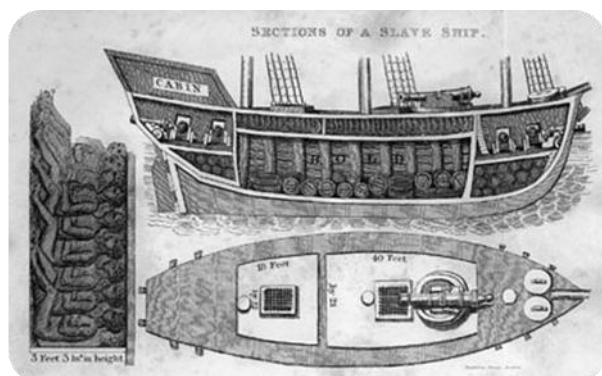
¹ Para maiores detalhes confira: <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/os-numeros-da-populacao-indigena>

Foi nesse contexto que a prática das trocas com os nativos foi sendo substituída brutalmente pela escravização dos mesmos. Os indígenas rebelaram-se desde o início pela perda violenta de suas liberdades, pelas obrigações do trabalho ditado por outro. Além disso, em suas culturas não havia sentido algum a produção de mercadorias excedentes para serem comercializadas.

Os nativos exploravam a natureza, cultivavam, coletavam e caçavam apenas o suficiente para a sobrevivência das aldeias. Enfim, devido à aversão ao trabalho forçado, os indígenas receberam do dominador uma marca preconceituosa e irreal: “Os índios são todos preguiçosos”. Uma mentira construída que até hoje povoa a mentalidade social no Brasil. Caro aluno, não acredite nisso, ok?!



<http://www.alunosonline.com.br/historia-do-brasil/trabalho-escravo-africano-nos-engenhos-coloniais.html>



http://catalogos.bn.br/lc/port/lit_poesia_romantica.html

A escravização indígena, apesar de incentivada pelos dominadores e colonos, encontrou obstáculos na própria Igreja Católica, principalmente nos jesuítas com seu projeto de conversão de almas ao cristianismo, e nas mortes recorrentes dos nativos por conta das doenças adquiridas do próprio dominador.

Para o conquistador, o custo social do indígena foi se tornando cada vez menos atraente se comparado à aquisição de escravos negros africanos - mesmo com seu alto valor. Além disso, existia todo um interesse econômico para que a mão de obra indígena escrava fosse paulatinamente substituída pela mão de obra africana escrava.

O tráfico de escravos africanos foi um comércio mundializado, extremamente rentável para aqueles que se dedicavam a tal atividade – por exemplo, existiram traficantes brasileiros com grande talento para esse negócio e com muitos navios negreiros. Até a Igreja Católica ganhou com a vinda de cativos africanos, pois recebia uma taxa por cada escravo negro batizado quando aqui chegava!

Poderíamos dizer que não somente havia demanda por escravos africanos, mas que se criou essa demanda pelos fortes interesses econômicos envolvidos no tráfico negreiro. Desse modo, inúmeras freguesias² no Vale do Macacu chegaram a ter uma população maior de cativos negros do que de indivíduos livres. Por exemplo, esse foi o caso de uma das freguesias da Vila de Santo Antônio de Sá: a de São João de Itaboraí³. Esta, segundo dados de 1821, possuía uma população de 11.081 indivíduos, sendo que 4.517 livres e 6.564 cativos (escravos)⁴.

² Freguesia (também chamada de Paróquia) era a menor divisão administrativa da colônia com autonomia política, subordinada à Vila (município), que era subordinada a uma Capitania (que se chamaria Província, depois da extinção do termo Capitania em 1821). Havia também uma divisão menor ainda sem autonomia política chamada de Curato (povoado).

³ Para um maior embasamento histórico sobre os primórdios da região (povoamento, formação social e administrativa etc.), sugerimos que o aluno leia os textos 1, 2, 3 e 4, da 1ª edição da Olimpíada, disponíveis na pasta "biblioteca".

⁴ COSTA, 2013, p.78.

Essa diferença expressiva pode ser compreendida na medida em que os cativos eram fundamentais como mão de obra em grandes propriedades ligadas ao beneficiamento de cana de açúcar (nos chamados engenhos) – e também eram utilizados em outros setores de trabalho.

Estamos falando de escravidão e escravos, mas o querido aluno sabe o que é tal prática e o que significa ser escravo? Vamos tentar, juntos, entender um pouco mais sobre essa prática, baseando-nos na História da Humanidade?

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE ESCRAVIDÃO E SUA DEFINIÇÃO

Podemos conceituar a escravidão historicamente como uma prática social em que um ser humano torna-se - por lei, guerras, interesses econômicos e tradição - propriedade de outro, sendo então chamado escravo. Tal condição é imposta a esse por meio da força.



http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/especial_egito_cativos_sim_escravos_nao.html

O conceito de escravidão não surgiu somente quando os africanos passaram a ser comercializados e escravizados maciçamente em outros continentes, como consequência do processo de colonização do chamado Novo Mundo (sobretudo no Continente Americano, e, mais especificamente, na enorme colônia do Brasil). *Tratava-se de uma prática antiga na história da humanidade. Textos bíblicos e escrituras santas falam da escravidão dos israelitas no Egito antigo*⁵.

Também há fontes que indicam práticas de escravismo nas antigas civilizações da Grécia e de Roma. Até mesmo na África, berço doador de braços cativos na Época Moderna, em escala mundial, há provas de que os próprios africanos internamente praticavam o escravismo e o tráfico humano comercial - como o praticado por povos muçulmanos em território africano.

A escravidão praticada entre povos negros na África era diferente do comércio lucrativo praticado por cristãos e muçulmanos, uma vez que era originária de guerras entre povos africanos rivais, onde o cativo recaía principalmente sobre mulheres e crianças dos povos vencidos.⁶



<http://www.fara-nza.com/article-a-participacao-africana-no-trafico-de-escravos-116264489.html>

Em muitos casos, a situação de escravo podia ser modificada ao longo dos anos, dependendo de sua função, da relação com seus senhores, sendo possível haver uma mudança gradual de sua condição social, integrando-se à comunidade na qual serviam como escravos.⁷

É claro, querido aluno, que a posse de um indivíduo

⁵MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma L., 2006, p. 24.

⁶LINHARES, 2000, p. 51-53.

⁷Idem.

sobre outro, a despeito das diferenças e escalas de crueldade, mesmo juridicamente respaldadas, baseadas na tradição, direitos de guerra sobre os vencidos etc., era - e ainda é - uma violência incontestável contra um ser humano. Desse modo, nenhum indivíduo deveria ter sido escravizado sob quaisquer motivos. Infelizmente ainda presenciamos na atualidade, inclusive no Brasil, formas de trabalhos comparáveis à escravidão. Como cidadãos, devemos cobrar das autoridades o fim das impunidades e, por consequência, a execução de leis severas contra essa criminalidade.

SER ESCRAVO

De modo didático, e resumidamente, podemos pensar no ser escravo como uma pessoa propriedade de outro homem, com sua vontade subordinada à autoridade de seu dono, assim como seu trabalho adquirido por meio de violência (de fato ou simbólica) ⁸.

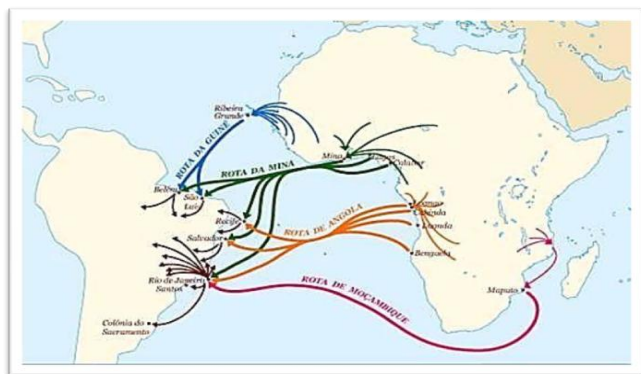


<http://www.blogdoambientalismo.com/os-africanos-lutaram-contra-o-fim-da-escravidao/>

africanos conforme sua visão limitada e preconceituosa sobre os diversos povos negros e criavam conceitos de nações artificiais e desconectados da realidade.

Diante dessa informação, o querido aluno deve estar se perguntando: *De quais regiões e/ou nações africanas os escravos utilizados no Brasil eram oriundos?* Vejamos.

ORIGENS DOS ESCRAVOS DO RIO DE JANEIRO E DE ITABORAÍ



<http://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p5.php>

O mundo dos escravos não era homogêneo. No caso do Brasil, com decorrer do sistema escravista, passou a haver uma distinção entre o cativo recém-chegado da África, o aculturado e o nascido na colônia. No primeiro caso, o escravo era chamado de *boçal*; no segundo caso, após aprender a língua e passar por um processo de aculturação, o cativo era chamado de *ladino*; já o nascido no território era chamado de crioulo. Existiam ainda diferenciações no que se refere à origem, ou seja, de qual parte do continente africano cada cativo vinha. Desse modo, os europeus nomeavam e classificavam os povos

africanos conforme sua visão limitada e preconceituosa sobre os diversos povos negros e criavam conceitos de nações artificiais e desconectados da realidade.

Diante dessa informação, o querido aluno deve estar se perguntando: *De quais regiões e/ou nações africanas os escravos utilizados no Brasil eram oriundos?* Vejamos.

Os escravos africanos, de modo geral, vieram de inúmeras partes da África, abrangendo diversas culturas, muitas vezes enquadradas em uma única nação criada pelo conquistador europeu. A despeito disso, no século XVIII, o tráfico direcionado para a colônia do Brasil era advindo, sobretudo, de duas áreas africanas: da costa Ocidental, chamada de Mina, e da costa Centro-Ocidental, conhecida como Angola⁹. Desse modo,

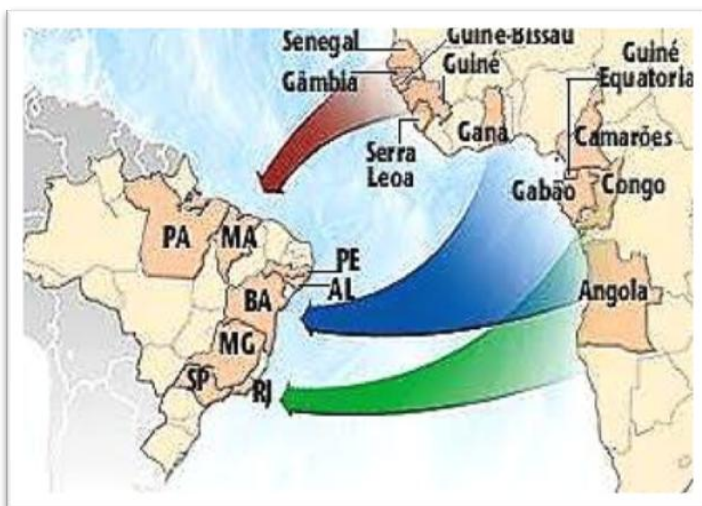
⁸ Idem, p. 104.

⁹ Ibid. COSTA, 2013, p.86.

As nações mina e angola abarcam uma grande variedade de grupos étnicos. Entre os escravos procedentes da costa ocidental estão os “minas” e os “caboverdes”, havendo ainda menção a cacheos, calabares, xambás, couras, cabus e a outros pequenos grupos. Na costa centro-ocidental é grande a variedade de nações com alusão a portos de embarque. Do reino do Congo vêm, além dos ditos congos, os muxicongos, loangos, cabindas e monjolos; de Angola vêm os massanganos, cassanges, bandas, rebolos, cabundás, quiçamãs e embacas; mais do sul, os Benguela. Deste modo, no século XVIII, os grupos minoritários Congo, monjolo, benguela, massangano, luanda e quiçamãs procederiam da costa centro ocidental, assim como os do gentio da Guiné.¹⁰

Independente dos conceitos artificiais de nações elaborados pelos dominadores¹¹ é certo que os que para aqui vieram foram arrancados de várias partes da África, de um imenso território, cheio de riquezas e diversidades de povos e culturas. Aqui chegaram e, como os povos indígenas, desde o início do cativeiro se rebelaram, não aceitando sua condição de escravo. Muitos reagiram psicologicamente pela manifestação de uma tristeza profunda, o chamado banzo¹², chegando ao ponto de se suicidarem, ou morrerem mesmo de tristeza.

Já no século XVI, escravos fugidos formaram inúmeros quilombos¹³, dos quais o mais famoso ficara conhecido como Quilombo dos Palmares, liderado por Zumbi. Desse modo, os negros africanos foram historicamente combativos em suas inúmeras revoltas, em suas fugas, em suas vinganças contra os seus senhores etc. Portanto, caro aluno, não aceite ideias de senso comum que atribuem ao negro uma incapacidade intelectual, uma passividade diante de sua situação, uma propensão negativa a algo. Tais ideias passam longe de uma realidade historicamente comprovável. Refletindo sobre a dica, querido aluno, continuemos nosso sucinto caminho histórico.



<http://historia212.blogspot.com.br/2009/09/rota-dos-escravos.html>

Em um período de aproximadamente três séculos e meio, desembarcaram no Brasil um total de quase cinco milhões de escravos africanos, sendo que cerca de dois milhões e duzentos vieram para a região Sudeste, principalmente ao porto do Rio de Janeiro. Desses cativos, 80% eram de áreas de cultura bantu (grupo linguístico), da África Centro-Occidental¹⁴, abrangendo nações de procedência como angola, benguela, cabinda, cassange congo, monjolo, rebolo etc.

¹⁰Idem, p. 86 e 87.

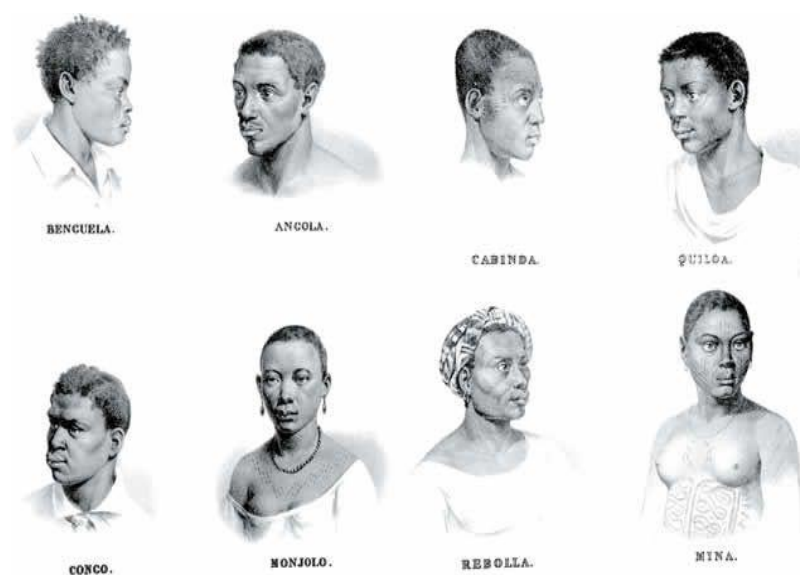
¹¹Para um maior aprofundamento no assunto, ver: CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (CEAD). “Educação Africanidades Brasil. Brasília: 2006, p. 115.

¹² Por si só, uma emanção psicológica de resistência. Espécie de melancolia profunda que “atingia os africanos escravizados, um intenso ressentimento que poderia ser causado por saudades da terra natal, por amores perdidos, injustiças e traições sofridas e, principalmente, pela “cogitação profunda sobre a perda da liberdade”. A moléstia se manifestava desde a travessia atlântica ou logo depois da chegada ao Brasil, descrita como uma espécie de suicídio passivo: o indivíduo parecia triste e apático, ficava imóvel e calado, recusava todo alimento, definhava e deixava-se morrer”. Para maiores detalhes: <http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/preunivesp/3898/o-banzo-mal-do-tr-fico-transatl-ntico-de-escravos.html>

¹³ Refúgios de escravos africanos e descendentes, usados para se defenderem da condição de cativo, buscando resgatar os modos de vida africanos, assim como os laços familiares perdidos com a escravização.

¹⁴Ibid. COSTA, 2013, p.82.

No que se refere às áreas de nosso interesse, principalmente na Vila de Santo Antônio de Sá e de São João de Itaboraí, houve um aumento significativo da vinda de mão de obra escrava entre o final do século XVIII e 1821, tendo como uma das motivações relevantes o crescimento das atividades agrícolas que exigiam cada vez mais escravos, sobretudo vindos da África Centro-Occidental¹⁵.



Etnias Africanas no Brasil. Fonte: RUGENDAS, J.M. “Viagem pitoresca através do Brasil”. Biblioteca Nacional.
<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/51/artigo263555-1.asp>

Por outro lado, de acordo com estudos atuais, existem dados de que escravos da Freguesia de Santo Antônio de Sá eram oriundos também de outras áreas do continente africano. No livro de batismo da citada freguesia há uma maior referência sobre escravos vindos da África Ocidental, da região da Guiné (*um conjunto de portos, etnias e localidades que se abrigavam em um mesmo grupo identitário*¹⁶), seguido por citações de escravos procedentes da nação angola, e mais distanciadamente, menções de cativos de procedência cassange e benguela, assim como, de modo menos expressivo ainda, de escravos com procedência do congo e monjolo¹⁷.

Enfim, os braços cativos da região macacuana são originários de várias partes do continente africano, abrangendo povos com culturas diferenciadas e muitas vezes rivais. Em Itaboraí, os escravos, como em outros lugares, atuaram em atividades plurais, estando na base do sistema de trabalho, possibilitando o enriquecimento de poderosos e da região, assim como auxiliando as pessoas comuns em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (CEAD). “Educação Africanidades Brasil. Brasília: 2006.
- COSTA, Gilciano Menezes. "A Escravidão em Itaboraí: Uma Vivência às Margens do Rio Macacu (1833-1875).Niterói, UFF, 2013.
- LINHARES, Maria Yedda (Org.) “História Geral do Brasil”. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma L. “O Negro no Brasil de Hoje”. São Paulo: Global, 2006.

¹⁵Idem.

¹⁶Segundo o pesquisador COSTA, a Guiné corresponde ao atual Senegal, terra onde se estabeleceu o primeiro comércio regular de escravos. Menciona que ainda no século XV o termo Guiné é estendido à costa do Congo, Angola e a Benguela, sendo essa parte do continente genericamente chamada de Guiné. Desse modo, tal termo encobria vários grupos étnicos, cujos indivíduos eram chamados de gentios da Guiné. Para maiores detalhes: COSTA, 2013, p.85 e 86.

¹⁷Idem.